

**ESPÍRITOS CIGANOS E CIGANOS DE ESPÍRITO: o caso da Tenda Cigana
Espiritualista Tzara Ramirez**

*Spirits of gypsies and Gypsies spirits: the case of Tenda Cigana Espiritualista Tzara
Ramirez*

Cleiton M. Maia

Doutorando em Ciências Sociais no Programa de
Pós-Graduação em Ciências Sociais da
Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Ana Paula de Souza Campos

Doutoranda em Ciências Sociais no Programa de
Pós-Graduação em Ciências Sociais da
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

RESUMO. O objeto desse trabalho é a Tenda Cigana Espiritualista Tzara Ramirez em Nova Iguaçu, Rio de Janeiro, onde um grupo de médiuns realiza trabalhos quinzenalmente, com o propósito de ajudar pacientes vindos à região com diferentes problemas e necessidades. Desde a sua fundação, os médiuns dessa Tenda só incorporam nesse local entidades/espíritos de ciganos para desenvolver seus rituais. Problematizando como foco desse artigo o que esses médiuns chamam de *ciganos de espírito*, analisamos como o grupo religioso ali formado utiliza determinados símbolos ritualísticos e símbolos da cultura cigana para formular uma identidade que se legitima em momentos diferentes, reivindicando autoridade religiosa ou cultural para se relacionar em diferentes espaços.

PALAVRAS-CHAVE: Ciganos de espírito. Baixada Fluminense. Religião.

ABSTRACT. The object of this work is the *Tenda Cigana Espiritualista Tzara Ramirez* in Nova Iguaçu, Rio de Janeiro, where a group of mediums work biweekly, with the purpose of helping patients coming to the region with different problems and needs. Since its foundation, the mediums of this tent only incorporate in this place entities / spirits of gypsies to develop their rituals. By problematizing as a focus of this article what these mediums call gypsies of the spirit analyze how the religious group formed there uses certain ritualistic symbols and symbols of the gypsy culture to formulate an identity that legitimizes itself in different moments, claiming religious or cultural authority to relate in different spaces.

KEYWORDS: Gypsies of the spirit. Baixada Fluminense. Religion.

INTRODUÇÃO

Durante a minha¹ dissertação de mestrado (MAIA, 2014a) o foco de minha pesquisa foi a Tenda Cigana Espiritualista Tzara Ramirez, localizada na Baixada Fluminense, no Rio de Janeiro. Pretendo neste artigo discutir como esse grupo religioso ali formado utiliza determinados símbolos ritualísticos (MAIA, 2014b) e símbolos da cultura cigana para formular uma identidade que se legitima em momentos diferentes, reivindicando autoridade religiosa ou cultural para melhor se relacionar em seu espaço privado e público (MAIA, 2013). A proposta é debater o que trabalhei como *ciganos de espírito*² (MAIA, 2014a, p. 13) na Tzara Ramirez, termo que utilizei para designar uma forma de pertencimento de médiuns³ desse grupo religioso, mas que é possível ser observada em outros muitos grupos religiosos em contextos semelhantes.

Proponho debater também a influência que os médiuns da Tenda exercem sobre esses eventos ritualísticos, incorporando novos símbolos e construindo as suas identidades nesse contexto, uma vez que a análise do pertencimento desses médiuns em grupos religiosos, seja como adeptos, pacientes ou lideranças possibilita a discussão da existência de diferentes símbolos e identidades nesse grupo religioso da Baixada Fluminense, em Nova Iguaçu.

A resposta dos adeptos à incorporação de novos símbolos e às práticas misturadas com seus “outros lados”⁴ é vista em alguns momentos como positiva, e em outros momentos, como negativa para o grupo. De todo modo, a relação com os pacientes da casa acabou agregando elementos importantes.

1 O trabalho de campo referente a este texto foi realizado durante os anos de 2012 e 2013. A revisita ao material para esse artigo, nos anos de 2017 e 2018, foi feito em parceria. Logo, é uma opção autoral do texto apresentar-se na primeira pessoa do singular.

2 Essas duas nomenclaturas, “ciganos de coração” e “espírito cigano”, são usadas entre os adeptos para se diferenciar dos “ciganos de sangue” na Tenda. Os ciganos e famílias ciganas de sangue são chamados de “ciganos de etnia” e é comum ver essa expressão até tatuada em alguns médiuns (Foto 1).

3 Como são chamados os adeptos da Tenda Espiritualista Tzara Ramirez, que incorporam os espíritos ciganos.

4 Expressão usada na Tenda, quando se faz referência a outra religiosidade de um dos adeptos.

Foto 1: “Tatuagem ‘espírito cigano’”



Fonte: Acervo pessoal do autor Cleiton M. Maia, 2014.

UM CONVITE PARA UM BATISMO CIGANO

O meu contato com o grupo pesquisado se deu em 2009, quando, cursando minha pós-graduação⁵, a proposta para fotografar um batismo surpreendeu-me. O convite inesperado que prometia ser, no mínimo, inovador era para um “batizado cigano” de uma jovem. O convite aconteceu por intermédio de uma amiga em comum que eu já tinha visto em alguns eventos.

Assim que cheguei à Tenda Cigana Espiritualista Tzara Ramirez, nossa amiga veio nos receber, feliz e sorridente. Éramos os únicos convidados a comparecer. Então, ela nos levou até a parte mais central do ambiente e começou a explicar a história da Tzara Ramirez, como funcionava e o que veríamos naquele dia. Essa entrada

⁵ Durante os anos de 2006 e 2007 acompanhei o grupo religioso Vale do Amanhecer – DF, no mesmo período que recebi o convite para o primeiro ritual com o grupo aqui apresentado.

despretensiosa, a recepção calorosa e o local em que fomos colocados proporcionaram uma observação e um contato com os adeptos que seriam essenciais para fazer com que as primeiras perguntas e o interesse por esse local surgissem e me fizessem retornar, já que desde o primeiro dia o pesquisador foi colocado para observar todo o ritual na posição mais central e com liberdade de andar por onde queria, com a possibilidade de conversar com a grande maioria dos médiuns desse dia.

Esse tipo de abertura hilariamente me faz lembrar das despretensões de entrada no campo citadas por Geertz em *A interpretação das culturas* (GEERTZ, 1989 p. 186). Contudo, não precisei correr para ser aceito, bastou chegar. A única dificuldade ocorreu com o responsável principal, o cigano Barô Juan⁶, cujo médium é Marcelo.

Assim que cheguei fui apresentado aos presentes e familiarizado ao local e conheci a narrativa de como surgiu a Tenda Espiritualista Tzara Ramirez. Esclareço que esse trabalho tem como campo somente este lugar, sendo assim, esta Tenda e os espíritos que incorporam nos médiuns deste local são o centro de minhas atenções e observações etnográficas. É sobre esses médiuns – que se chamam de “ciganos de coração” e/ou “ciganos de espírito” – e sobre o que neste grupo religioso afirmam ser tradição/cultura cigana que focarei meu trabalho. Desta forma, esclareço que todos os ciganos de etnia estão fora desta análise.

O *duplo pertencimento* religioso (SANCHIS, 1994) é comum na Tenda. Todos os adeptos com os quais conversei têm uma segunda religião, ou o “outro lado” – como eles mesmos nomeiam –, que na maioria dos casos são a umbanda⁷ e o candomblé⁸. O diferencial da Tenda é que após a separação do espaço físico da umbanda, na Tenda, só existe incorporação de espíritos ciganos. Este fato implica minha análise desse grupo, pois tenho que observá-los não só em seu espaço ritualístico onde incorporam, mas

6 Os nomes adotados são o nome de batismo que os médiuns recebem após tornarem-se membros do grupo. Optei por utilizar os nomes dos espíritos ciganos ao invés dos nomes civis, pois foi assim que as pessoas se apresentaram no campo. A única exceção é o caso do pai de santo Marcelo que se apresentava pelo nome de batismo, mas muitas vezes era chamado também pelo nome de seu cigano Juan quando estava na Tzara, e, quando estava em seu terreiro de candomblé, era chamado de Marcelo e Babalorixá.

7 Segundo José Guilherme Cantor Magnani (1991, p. 61), a umbanda trata-se de uma: “[...] religião mediúnica formada a partir de elementos doutrinários e rituais de cultos africanos, indígenas, espiritismo kardecista, catolicismo e baseada na incorporação, nos iniciados, de entidades espirituais (caboclos, pretos-velhos etc.) agrupadas em linhas e falanges”.

8 De acordo com Magnani (1991, p. 59), candomblé é o “[...] nome originalmente dado a danças profanas e/ou religiosas dos escravos. Passou a designar o culto dos orixás tal como é praticado em terreiros, principalmente de tradição nagô”.

também como os adeptos se relacionam com seus outros grupos religiosos, tentando entender os meios que usam para construir o que os adeptos chamam de *cultura cigana*.

Por uma vez, em um encontro ao acaso entre os corredores que dão acesso à Tenda, Marcelo me contou como teria começado a história da Tenda, já que existem várias narrativas sobre a sua origem. Muitas vezes, esse surgimento, a forma como ocorreu, é tratado pelo grupo como uma informação *tabu*, sendo Marcelo o detentor de uma história construída como oficial e reproduzida pelos médiuns da casa. Até os médiuns de maior preeminência e importância hoje em dia, não estavam na fundação desse espaço chamado Tzara Ramirez, como percebi ao comparar uma fotografia feita por mim em uma cerimônia com todos os médiuns atuais, com outra que me foi entregue por Marcelo para restaurar, composta pelo primeiro grupo de médiuns da Tzara.

Marcelo é pai de santo em um terreiro de candomblé em uma região chamada “Chacrinha”, em Nova Iguaçu, há mais de 20 anos. Lá, durante as festividades, aconteciam rituais somente em um barracão de candomblé angola⁹, mas alguns dos adeptos, inclusive ele, teriam começado a sentir a presença de espíritos ciganos no ambiente. Segundo ele, alguns dos adeptos frequentavam a umbanda também, o que estava causando essa energia diferente no ambiente. Até que um dia Marcelo incorporou o cigano Juan Ramirez.

Assim que incorporou esse cigano, Juan assumiu a responsabilidade de arrumar um lugar onde pessoas de terreiros de umbanda e de candomblé diferentes pudessem cuidar¹⁰ de seus espíritos ciganos. O Barô começou a reservar, no mesmo espaço, alguns dias só para trabalhos com espíritos ciganos e em outros apenas para rituais de candomblé. Mas o espaço de ciganos começou a tornar-se conhecido dos próprios frequentadores e pessoas da comunidade. Três anos depois, o Barô Juan Ramirez foi orientado a procurar outro lugar, que tivesse um espaço maior para as atividades

9 Segundo Stefania Capone (2009, p. 14), “O candomblé é dividido em nações: nagô, ketu, efon, ijexá, nagô-vodum, jeje, angola, congo, caboclo. O conceito de nação perdeu sua significação étnica originária e recobre hoje uma significação mais política (no sentido mais amplo do termo) que teológica.”

10 Expressão que é usada quando o médium adepto da casa usa para explicar que na Tenda direciona sua atenção espiritual para trabalhar com seu “espírito cigano”, já que no candomblé e na umbanda eles podem dar uma atenção melhor aos outros espíritos.

ritualísticas e para que, principalmente, houvesse a separação da Tenda do barracão de candomblé, pedido feito pelo cigano Juan Ramirez.

Esse pedido teria sido feito pelo cigano, pois os espíritos ciganos queriam um espaço só para eles, já que não se sentiam à vontade em dividir um espaço onde acontece sacrifício animal, uma vez que essa prática não existe na tradição cigana. Entre os trabalhos, feitiços e magias dos espíritos ciganos não existe o pedido de “sangue vermelho”¹¹, somente de “sangue verde”¹². Esse pedido fez com que a região da “Chacrinha” fosse trocada para uma região mais ampla e que as especialidades fossem separadas. A opção foi o bairro de Santa Eugenia, que é mais distante do centro de Nova Iguaçu e onde hoje em dia se localiza a Tenda. Nessa região foram comprados dois terrenos vizinhos, um para a Tenda Cigana Espiritualista Tzara Ramirez¹³ e outro para o barracão de candomblé.

O espaço que chamo de Tenda está em um terreno de 700 m² onde se encontra a Tenda propriamente dita. Trata-se de um barracão que ocupa a metade do terreno, pintado com desenhos de ciganos e de forma bem colorida, com um tablado de madeira central, telhado simples e que usa como divisórias um conjunto de biombos móveis, que são colocadas e tiradas com facilidade – dependendo das cerimônias. Na região de trás da Tenda temos algumas salas que são usadas para trabalhos espirituais como banhos¹⁴, sala dos potes¹⁵ e vestiários. No espaço à frente da Tenda encontramos o pátio central, onde a salamandra¹⁶ está localizada ao centro, e a região de espera dos pacientes, com o número de sete bancos, onde mais de 70 pacientes se revezam quinzenalmente, sentados ou em pé, em filas enormes, para algum dos trabalhos que são ali oferecidos.

No trabalho de campo, acompanhei dois ciclos completos dos seus rituais e festividades, o que me permitiu vivenciar a comunidade e sua relação com seus

11 Referência que os espíritos ciganos fazem ao sacrifício de animal.

12 Quando é feito um trabalho com ervas, flores e elementos da natureza, os espíritos chamam-no de sacrifício de sangue verde.

13 O local começou a usar esse nome a partir desse momento, quando os dois espaços religiosos estavam separados.

14 São banhos com ervas que os pacientes e médiuns tomam para limpeza espiritual.

15 Local onde são depositados os potes utilizados no ritual de batismo dos médiuns.

16 A salamandra é o nome dado à fogueira que sempre é montada na região central do pátio externo. Ela tem uma função primordial e de indiscutível importância no ritual de domingo da Tzara Ramirez. É na salamandra que todas as velas de trabalhos e pedidos são entregues, onde os incensos são acesos, e os médiuns incorporam de forma coletiva – sempre ao cair da noite, após as 18 horas.

pacientes e os que cercam sua localidade durante o ano de 2012 até o ano de 2013¹⁷. Prezando por um rigor analítico sobre os dados coletados no campo durante esse período, sistematizei visitas durante todos os rituais quinzenais, além das atividades para as quais fui convidado a participar fora da Tenda e no Barracão do líder Marcelo. Essas atividades me proporcionaram maior tempo com o grupo e pude fotografar e estabelecer diálogos de maneira aberta, sem entrevistas fechadas. Isso gerou maior aceitação por parte dos 12 médiuns que frequentam a Tzara Ramirez, durante o campo. Estes médiuns têm destaque pela centralidade na organização dos rituais e na liderança entre o grupo.

Tomarei à mão as obras de Geertz (1989) e Sahlins (1994) norteando minha perspectiva de pesquisa de campo. Eles se tornaram grandes colaboradores para a coleta de fontes e observação no campo. Busco, assim, entender as influências que corroboraram para as mudanças acontecidas naquele local no decorrer do tempo da pesquisa e a reconfiguração de símbolos religiosos, que revelaram uma *bricolagem* única (BIRMAN, 1995), na qual cada símbolo será interpretado e carregado de valores e peso de acordo com suas necessidades para aquele ambiente, como uma *mistura*¹⁸ de projetos (MACHADO, 2012).

“CIGANOS DE ESPÍRITO” E A BEIJA-FLOR

Durante uma fatídica noite de 2013, preparava um lanche quando o meu telefone celular tocou e fui surpreendido por uma voz apressada e com informações confusas, mas que extremante feliz me fazia um convite. Era Arimar, uma das principais informantes na pesquisa desenvolvida na Tenda, que se lembrara de mim nos últimos

17 Apesar de meu contato com a Tzara Ramirez ter começado no ano de 2009 e se estender até o doutorado, considero somente o período de pesquisa que estive no mestrado para esse artigo.

18 Destaco o artigo *É muita mistura: religião, música, política, dengue, beleza e saúde no Complexo do Alemão* (2012), de Carly Barboza Machado (PPGCS – UFRRJ), apresentado na 28ª Reunião da ABA, em 2012, que destaca a ação de mediadores e mediações privilegiados da relação entre religião, política e mídia no Rio de Janeiro, a partir da análise específica de um show no conjunto de favelas Complexo do Alemão, na época recém-ocupado pelo projeto da Secretaria de Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro, de instalação de Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs) nas favelas do Rio de Janeiro, segundo o princípio de uma polícia de proximidade.

momentos em que redigia a lista de um ônibus que sairia da Tenda para a escola de samba Beija-Flor naquela noite, por convite de um dos sambistas da escola.

No primeiro momento não consegui entender muito bem o que estava acontecendo, como estava acontecendo ou porque estava acontecendo, mas tomado pela felicidade de minha informante em estar indo para tal evento, com todos os membros da Tzara e ainda por ser o único não médium convidado me fez aceitar sem pestanejar, inclusive sem pensar sobre a única exigência feita pela minha informante e uma das líderes do grupo: “Tem que ir vestido de cigano”.

Assim que desliguei o celular tentei me concentrar, comer meu lanche e pensar no que tinha acontecido, estava acontecendo e iria acontecer. Menos de uma semana antes tinha participado de uma atividade na Tenda em que durante dois dias ajudei a organizar, arrumar e comemorar com eles a sua principal festividade do ano, comemorada no dia 12 de outubro, a festa de Nossa Senhora Aparecida e Santa Sara Kali¹⁹. Até então, nada tinha sido falado de Beija-Flor, do convite da escola ou sobre o carnaval.

Imediatamente comecei a ligar para meus contatos na Tenda, buscando entender o que tinha acontecido e do que se tratava de uma maneira geral. Após alguns telefonemas, descobri o que, em meio à euforia e felicidade, minha informante não conseguiu dizer. Durante a semana que antecederia esse evento, algumas das médiuns da Tenda, que trabalham com dança cigana em estúdios de Nova Iguaçu, tinham sido procuradas por membros da G.R.E.S. Beija Flor de Nilópolis²⁰ para comparecer na noite da final da escolha do samba-enredo²¹ e participar dançando, como ciganas, no samba deles. Ambas as professoras apresentaram a Tzara Ramirez e disseram que conseguiriam formar uma grande ala de ciganos, mas dependeria do apoio que a escola ofereceria e a aceitação de Juan, liderança da Tzara, e sua “espiritualidade”²².

19 As festas em comemoração à Santa Sara Kali, no dia 24 de maio, e à Nossa Senhora Aparecida, no dia 12 de outubro, são as duas maiores festividades realizadas pelo grupo, incluindo um ritual público com procissão pelas ruas do bairro.

20 O Grêmio Recreativo Escola de Samba Beija-Flor, referida como Beija-Flor de Nilópolis, é uma escola de samba brasileira do município de Nilópolis, Baixada Fluminense. Com quatorze conquistas a escola assume a posição de terceira maior campeã do carnaval do Rio de Janeiro.

21 A escolha do samba-enredo é o momento em que cada escola se reúne para escolher o samba que será representado pela escola naquele ano no desfile que acontece no sambódromo Marquês de Sapucaí no Rio de Janeiro.

22 Desde o primeiro momento os adeptos da Tzara Ramirez apresentaram seu envolvimento com o mundo dos “ciganos de espírito”.

Logo que Juan Ramirez e Arimar foram apresentados aos representantes da Beija-Flor, pelas professoras e médiuns da Tzara, explicaram quem eram e suas condições para participar. Durante a primeira conversa logo encontraram conhecidos em comum: a Tzara Ramirez é bem conhecida na Baixada Fluminense (Nova Iguaçu e Nilópolis, Mesquita e municípios vizinhos), ligados à área de política, artes, cultura, dança e religiões afro-mediúnicas, mas esse “conhecimento” explicarei mais adiante. O primeiro convite era somente para a noite de escolha do samba enredo, conforme fosse essa noite seriam apresentados às lideranças de coreografias, de alas e ao carnavalesco da escola: Layla.

Assim que cheguei, comecei a fotografar. Algumas das minhas primeiras fotografias foram tiradas do camarote e a primeira observação que fiz em meus pensamentos foi: “quanta mistura”. Balões, bandeiras, faixas e símbolos diferentes se congelaram no visor da câmera, assim como pessoas e personagens mais variados, que eram símbolos importantes a serem analisados também. Ali, Globo²³, G.R.E.S. Beija-Flor, Ciganos e diferentes atuações das micropolíticas locais da cidade de Nilópolis se misturavam e representavam interesses diferentes, mas é a Tenda Tzara e seus ciganos que são o foco de minhas observações e minhas análises nesse trabalho. Como os ciganos foram parar ali, o que representam ali e como interagiram com os demais grupos ali representados?

A Rede Globo estava presente como principal patrocinadora da Beija-Flor naquele ano, por causa da relação do enredo com a novela *Salve Jorge*²⁴, que mostra a região de origem do povo cigano, seus cavalos mais importantes e valiosos, e a relação estabelecida no início da história cigana com esse animal. Já os políticos de Nilópolis mantêm uma longa e estreita relação com a presidência da Beija-Flor desde a sua fundação, o que explica a força da escola de samba na comunidade e a relação com os moradores. Mas então, como “os ciganos da Tenda” chegaram até ali?

No domingo seguinte, fui ansioso ao atendimento da Tenda esperando notícias da conversa que ocorrera durante a semana. Assim que cheguei, fui direto à sala de

23 Rede Globo é uma rede de televisão comercial brasileira, com sede na cidade do Rio de Janeiro. É a segunda maior rede de televisão comercial do mundo.

24 Para maiores informações, verificar “Salve Jorge”, Gshow, 2015. Disponível em: <http://tv.globo.com/novelas/salve-jorge/index.html>. Acesso em 27 de dezembro de 2018.

Arimar e pedi que me contasse sobre a sua reunião com Layla. Ela me contou que foram recebidos por ela durante a semana, assim como por outros representantes da Beija-Flor, e que participariam mesmo do carnaval em uma ala de ciganos. Disse que os três (Juan, Arimar e Morgana – uma das professoras de dança que é médium na Tenda) falaram com ele esclarecendo e acertando algumas coisas sobre participação, roupa e coreografia. Após ela falar por quase uma hora, comentou: “Aí o Layla perguntou se a gente era cigano mesmo. Eu disse que sim, de coração, de espírito! Ele perguntou se tinha algum cigano de sangue, família. Eu disse que sim, mas se fosse para a Tenda ir teríamos de ir todos, todos somos ciganos, ou estaríamos fora!”

O “ser cigano” para o grupo da Tzara parece ser um só, em que sangue e espiritualidade não se distinguem na avenida – assim como em qualquer momento que estão como Tenda, momento ritualístico ou não. Os *critérios de pertencimentos*²⁵ (BARTH, 2000, p. 25) são do grupo e independentes do olhar de fora, seja pesquisador ou não.

Essa relação da Tenda com outros “grupos” já tinha chamado minha atenção em momentos diferentes. Como eles mesmos fazem questão de ressaltar, “somos ciganos de coração, espírito”, porém essa relação é muito mais complexa do que me pareceu nos primeiros momentos. Pude presenciar casos em que essa identidade foi acionada e legitimada por fatores e forças diferentes: ora são ciganos; ora grupo religioso; ora ciganos da Tzara; às vezes oriundos de umbanda e candomblé; ou totalmente diferentes de umbanda e candomblé. E dependendo do grupo ou relação com o grupo envolvido, essa diferenciação entre ciganos de “sangue” e “espírito” muitas vezes se torna conflitiva entre os próprios adeptos dentro do grupo e também em referência a outros grupos, no caso dos “ciganos de sangue”, e de grupos religiosos como umbanda e candomblé.

25 Assim, as identidades coletivas seriam produtos do “projeto de fazer grupos” (BARTH, 2005). Com base nos conceitos de identidade contrastiva de Barth proponho-me analisar o grupo étnico não como entidade supostamente substancial, mas sim como diferentes interesses e agências são atribuídos por variados agentes políticos, ativistas, organizações, instituições. Assim, me proponho analisar o papel que esses discursos têm ao fazer esses grupos surgirem, o que muito me remete ao conceito de “comunidades políticas imaginadas” de Benedict Anderson (2008). Para o autor, a ideia se refere a comunidades (2008, p. 32) “imaginadas” porque “mesmo os membros da mais minúscula das nações jamais conhecerão, encontrarão, ou sequer ouvirão falar da maioria de seus companheiros, embora todos tenham em mente a imagem viva da comunhão entre eles”. Atores acionam identidades étnicas (BARTH, 2005, p. 25) na ação de promover políticas.

Outro momento importante para refletir sobre essas questões foi a festa de Nossa Senhora Aparecida. A grande festividade de dois dias envolveu não só os médiuns da Tenda, mas também os moradores da comunidade em que a Tenda está localizada e alguns políticos da região, que cederam material de grande importância para o acontecimento do evento em 12 de outubro de 2012 – como carro de som, fogos de artifício, ajuda financeira para custeio da comida e autorização para fechar a rua junto aos setores responsáveis na Prefeitura.

Acompanhei os procedimentos para a festa durante o dia de seu acontecimento e o dia anterior, com seus preparativos, momentos em que pude acompanhar os médiuns durante um dia inteiro fora do ritual e precedendo o principal ritual anual deles, o que me possibilitou observar e presenciar fatos e conversas essenciais para entender algumas das observações aqui feitas. Ao chegar à Tenda no dia de arrumação que precedia a festa, percebi que o evento acontecia na rua, que aliás já estava sendo fechada, porque isso proporcionaria um espaço quase de um quarteirão, já que a rua de trás da Tenda é sem saída.

Logo que estacionei indaguei sobre o fechamento e recebi algumas respostas como “a festa é grande e precisa de espaço grande”. E quando indaguei sobre a comunidade e pessoas das ruas, ouvi que “todos gostam e participam, é um grande evento”. Mesmo assim, continuei cismado. Até que Arimar chegou, cumprimentou-me e, quando indagada pelo mesmo motivo, respondeu-me:

Temos autorização da Prefeitura [nesse caso, Nova Iguaçu], temos amigos lá, sempre que precisamos eles apoiam e colaboram, como hoje na autorização para fechar a rua, autorização para o som, – que foram eles que deram o carro de som, e autorização para fazer uma procissão mais tarde, dando a volta em alguns quarteirões da vizinhança.

Surpreso com essa declaração, resolvi aprofundar sobre esses “amigos lá” que Arimar destacou com orgulho. A Tenda Tzara Ramirez tem certo reconhecimento na cidade de Nova Iguaçu e em alguns bairros da Baixada Fluminense, por sua relação com a dança, arte e cultura cigana²⁶. Desde o seu surgimento, a Tenda tem se empenhado em

26 O que explica o convite feito pela Beija-Flor, principalmente depois de entrar em contato com a liderança da Tenda.

promover a cultura cigana com aulas de dança e música ciganas. É forte a tradição de professoras/profissionais de dança na casa, como citado anteriormente, o que faz com que exista uma divulgação muito grande da Tenda em eventos de prefeituras relacionado à *cultura cigana* e à *espiritualidade cigana*. Essa divulgação faz com que a Tenda seja chamada para festas em outros grupos religiosos, como umbanda e candomblé, com muita frequência.

Essa relação com a dança se deve muito ao médium Juan, que é líder da Tenda e tem uma relação muito grande com a dança e espetáculos. Juan é um excelente dançarino – o melhor da Tenda seja entre homens e mulheres, e essa opinião é compartilhada por médiuns, adeptos, o pesquisador que escreve e, ultimamente, tenho percebido que na Beija-Flor também, o que lhe faz ser constantemente o destaque quando dança.

Essa colaboração com a cultura fez com que Juan recebesse um prêmio pela colaboração com a divulgação da cultura cigana no ano de 2008, concedido pela Prefeitura de Nova Iguaçu, e organizado pela Secretaria de Cultura de Nova Iguaçu no SESC da cidade, onde após uma noite inteira de homenagens, dança e canto, Juan recebeu um diploma das mãos do próprio prefeito e do secretário de cultura da cidade. Segundo as próprias palavras de Juan “[...] foi uma noite e tanto, já viu as fotos? O SESC lotado de ciganos, o pessoal da umbanda, lá do barracão²⁷. Muito lindo”.

Destaco aqui a fala de Juan para aprofundar uma questão já mencionada acima e que darei uma ênfase maior em minha abordagem: o fato de Juan ser pai de santo num terreiro de candomblé, onde é conhecido como “Marcelo de Onira Babalorixa”. Acompanhei Juan algumas vezes nesse terreiro em festas e saídas de santo²⁸. Observando a sua relação com o candomblé, percebi que lá, a música e dança são destaques principais do terreiro, proporcionando convites diversos para acompanhar outros grupos e festas, assim como na Tenda, e com a Secretaria de Cultura de Nova Iguaçu também, agora na propagação e eventos da cultura afro. Um evento de destaque contado a mim pelo próprio Juan (durante o acontecido) foi um convite em que ele foi a

27 É como os adeptos da Tenda referenciam o espaço do terreiro de candomblé em que Marcelo é pai de santo.

28 São cerimônias de iniciação dos filhos de santo.

Salvador (BA) para lecionar um curso de dança afro bancado pelo governo da Bahia, mediado por “gente de lá” da Prefeitura de Nova Iguaçu.

Esse terreiro fica na rua de trás da Tenda, a menos de 150 metros, o que proporciona uma grande força e certo destaque desses grupos no local e junto à comunidade, por meio de suas festas, frequência de atendimento e relação com a prefeitura. Os bares do entorno, barraquinhas de cachorro-quente da região localizam-se mais próximos dos templos em dias de atividades tanto do terreiro como da Tenda. Em um dia de Tenda, um dono me falou que aumenta o número de frangos para botar para assar na padaria, por saber que “eles não comem carne vermelha em dia de trabalho, o que ajuda a ele vender mais”, demonstração da relação que a comunidade tem com a Tenda e o barracão de Juan.

Essa relação foi comprovada na Festa de Nossa Senhora Aparecida, quando a procissão demonstrou essa interação. Havia uma grande quantidade de pessoas presentes, muitas saíam no portão para observar e todos demonstraram um respeito sempre zelado. Esses eventos e situações mostram como a Tenda desenvolve o “jogo das identidades” e como as identidades tornaram-se “politizadas”, na medida em que mudam de acordo como são interpeladas pela sociedade (com seus diferentes grupos), sendo assim, uma identidade de grupo não automática (HALL, 2011, p. 78), pois assim como discute Stuart Hall, cada grupo vai reivindicar uma identidade própria (HALL, 2011, p. 78), e assim a Tenda o faz.

“... A CIGANA LEU O MEU DESTINO...”

A presença dos ciganos nas artes e literatura foram importantes para a manutenção de um imaginário popular brasileiro – em alguns momentos positivo, em outros, negativo. Os ciganos foram retratados por pintores como Debret (MELLO, 2009, p. 251), e também destaque em obras de literárias como Machado de Assis, Guimarães Rosa e Cecília Meireles, que atribuíram características como “Olhos dissimulados”, “Romanceiro” e “Boêmio”²⁹, como destaque do povo cigano, respectivamente.

29 Referências às obras *Dom Casmurro*, *Grande Sertões Veredas* e *Poemas*, respectivamente.

Mas destaco outra característica para essa análise: “A cartomante”³⁰ que permeou os contos e literatura brasileira, assim com o imaginário de nosso povo. Lembro-me muito bem das ciganas que liam mão no calçadão de Nova Iguaçu e sempre me encantaram, com a possibilidade de ver meu “destino” ou “sorte”. Enquanto uma das práticas passadas de geração em geração, a quiromancia é, sem dúvida, um dos ofícios da cultura cigana mais questionados e perseguidos pelas autoridades ao longo da história (PEREIRA, 2009, p. 149; BARROS, 2010, p. 49), aquele elemento da cultura cigana justamente interpretado como religioso. A figura da cartomante é um símbolo eficaz (LÉVI-STRAUSS, 2003, p. 194), uma figura lendária fundante dessa “magia cigana” e “identidade cigana”, construída no imaginário popular brasileiro.

Em trabalhos clássicos como os de Ruth Landes (1947), Edison Carneiro (1948), Roger Bastide (1958), Pierre Verger (1981) e Juliana Elbein dos Santos (1995) os autores mostram a busca da africanização e de uma raiz étnica do candomblé da Bahia, em meio a um processo de “rompimento com o sincretismo”, conforme é acentuado no manifesto divulgado ao público em 1984³¹.

Assim como a consequente africanização do culto, é frequente e facilmente entendido o apagamento bem-sucedido de uma mentalidade católica no candomblé e outras religiosidades mediúnicas (VAN DE PORT, 2012, p. 131). Apesar de Talal Asad (1993, p. 31) não nos deixar esquecer do fato de que “[...] as declarações sobre o que constitui a ‘essência’ de uma religião são inextricavelmente ligadas a – e trabalham a serviço de – configurações específicas de poder”, nesse caso, do “verdadeiro candomblé”.

Isso nos leva a outra categoria de análise para o entendimento dos *ciganos de espírito*, que é o *baixo espiritismo* (MAGGIE 1992, p. 226; GIUMBELLI, 2003, p. 248). Em sua análise, Emerson Giumbelli documenta, sobre os anos de 1890-1940, o processo de institucionalização política que norteia a definição do que é religião, nesse caso, as religiões mediúnicas. No caso do espiritismo (GIUMBELLI, 1995, p. 120), o autor mostra a socialização do *baixo espiritismo* e a produção de agentes sociais “falsos

30 Título e personagem do conto de Machado de Assis na obra “Contos”.

31 Manifesto *Ao público e ao Povo do Candomblé*, assinado por cinco importantes lideranças religiosas de Salvador (BA): Mãe Menininha do Terreiro do Gantois, Mãe Stella de Oxóssi do Ilê Axé Opô Afonjá, Mãe Olga do Terreiro do Alaketu, Mãe Tetê de Iansã do Terreiro da Casa Branca e Doné Mãe Nicinha do Terreiro do Bogum. Para maiores referências, ler Consorte (2006).

e verdadeiros” na definição do que é religião quanto às práticas mediúnicas, normatizando o que seria considerado espiritismo (GIUMBELLI, 2003, p. 250-251).

Não obstante, Renato Ortiz em *A morte branca do feiticeiro negro* afirma que nessa ruptura dentro do *baixo espiritismo*, a umbanda sofre o processo contrário, chamado de “empretecimento” e é difundida nas camadas mais pobres da população (ORTIZ, 1999 p. 32). No mesmo período, anos de 1930 no Brasil, os ciganos eram reprimidos por suas práticas culturais³² e sofriam perseguição, o que pejorativamente associou a sua imagem a diferentes grupos considerados *marginais* (BRUMANA; MARTINEZ, 1991). Isso possibilitou um *dinamismo* (TURNER, 2005, p. 50) no interior do *imaginário brasileiro* (BARROS, 2010, p. 41), enquanto o espiritismo se normatiza e se embranquece.

As dificuldades que o candomblé constrói com sua africanização e o espiritismo com a sua normatização, encontram na umbanda, no momento do *Estado Novo*³³, a possibilidade de estabelecer novas relações por meio da “mistura”, o que para muitos estudiosos se tornou um problema a ser entendido e estudado, como destaca Birman ao afirmar uma *flexibilidade de fronteiras* no que diz respeito a essa nova religião (BIRMAN, 1995, p.16). Na umbanda, um mesmo símbolo possui *multivocalidade*, podendo vir a representar diferentes significados de acordo com a performance ritual (TURNER, 2005, p. 77).

Na ruptura com o Espiritismo, a *missão* se torna uma herança importante e os *espíritos* considerados pouco evoluídos – e em alguns casos proibidos de incorporar – ganham maior lugar em figuras como *preto velho*, *caboclos*, *negros e mestiços* (BARROS, 2010, p. 43). Segundo alguns autores a umbanda se torna “[...] uma tradição presente, uma comemoração criativa do Brasil atual” (BAIRRÃO, 2002, p. 58) com interação sem limites étnicos, geográficos e sociais definidos.

Gera-se, assim, uma intenção de mestiçagem que, por meio da *bricolagem* (MEYER, 1993, p. 132), possibilita a inclusão e acolhimento de atores sociais marginalizados (BARROS, 2010, p. 43), de acordo com a “[...] atenção às dinâmicas

32 Na época, eram considerados crimes de contravenção penal as práticas de vadiagem, nomadismo e leitura da sorte.

33 Como ficou conhecido o governo do Presidente Getúlio Vargas entre 1937 e 1945, marcado por características autoritárias. Para maiores informações ler Bomeny (2001).

sociais e necessidades dos homens” (BAIRRÃO, 2004, p.73), como prostitutas (pombagira), bandidos (malandros), boiadeiros (cangaceiros) e ciganos, personagens (modelos/arquétipos) da vivência brasileira (BARROS, 2010, p. 46) presentes como *símbolos dominantes* (TURNER, 2005, p. 77).

A prática de quiromancia – leitura de mão – que durante anos foi associada à *feiticeira* ou *charlatanismo* e perseguida no Brasil pela Igreja Católica e o Estado Novo (MIRANDA, 2010, p. 127), foi o símbolo comum encontrado entre a *cultura cigana* e o *espírito cigano* (PEREIRA, 2009, p. 94-95), causando as primeiras associações entre as duas identidades, principalmente depois da década de 1970, quando no Brasil grandes grupos de famílias ciganas se tornaram sedentárias, e muitas mulheres ciganas começaram a ler mãos em praças públicas e em salas de quiromancia. Nesse mesmo período, as primeiras quiromantes não-ciganas (médiuns) já estavam começando a desenvolver essa prática (PEREIRA, 2009, p. 96).

E A PEMBA SERVE PARA QUÊ? A PROIBIÇÃO!

No período do Estado Novo os ciganos foram perseguidos como “feiticeiros” – assim como os adeptos de cultos mediúnicos – e boêmios – assim como sambistas, prostitutas e artistas/músicos da noite – tal qual grande parte dos modelos incorporados pela umbanda como espiritualidades/entidades. Porém, nos últimos 30 anos (PEREIRA, 2009, p. 160; MIRANDA, 2010, p. 130), as *entidades ciganas* têm surgido e vêm sendo incorporadas à “Linha de Exu”³⁴, o que para muitos adeptos têm lógica por “serem povo de rua”, ainda que se gere problemas pois “não são a mesma energia”. O artigo publicado no ano de 2004 *Os espíritos ciganos*, do historiador Roberto Kaz, no dossiê cigano da Revista de História da Fundação Biblioteca Nacional, é uns dos primeiros a abordar, mesmo que em uma visão histórica e de maneira resumida, o tema³⁵.

34 Termo nativo que corresponde a que grupo essa entidade está ligada, designando características que vão ser usadas para enquadrá-las na cosmologia da umbanda. Para saber mais ler Renato Ortiz (1999).

35 O autor acompanha um *ritual cigano* (KAZ, 2004, p. 33) de outro grupo, assim como a Tzara Ramirez, que trabalha com “entidades ciganas” na mesma festividade do dia 12 de outubro (em 2004), em homenagem à Nossa Senhora Aparecida.

Na Tenda Espiritualista Tzara Ramirez esse discurso é muito frequente entre os adeptos, principalmente quando o assunto é *incorporação e energia da incorporação*. Os médiuns diferenciam a força e sensação entre o *outro lado* e a Tenda do seguinte modo:

“Não vou lá no barracão pois tem sangue de animal, aqui não, é tranquilo e a energia é boa.” Cigana Morgana – adepta de umbanda e da Tenda.

“Vim para cuidar de minha cigana, ela me trouxe, ela não desce lá por ser carregado [...]” Cigana Sibilian – adepta de umbanda e da Tenda.

“Aqui é diferente. Lá no barracão a energia é outra, muito mais pesada.” Cigana Indianira – adepta de candomblé e da Tenda.

“A energia de minha cigana é boa, leve... Me deixa bem, isso desde a primeira vez que ela veio.” Cigana Carmencita – adepta de candomblé e da Tenda.”

Essa divergência entre as energias *Exus x Ciganos* é comumente encontrada em outros médiuns e casas (PEREIRA, 2009, p. 153) e seria um dos motivos do surgimento da Tzara Ramirez – como já mencionado – destacando uma das suas principais características em relação a outros grupos de presença de *espíritos ciganos*: na Tenda há a proibição de incorporação de outros espíritos, quer dizer, dos espíritos que não sejam ciganos.

Um dos eventos em que notei esta proibição aconteceu durante um “Ritual de energização³⁶”, feito só com os médiuns da Tenda. Uma semana antes, a Cigana Arimar passou uma lista com todos os elementos que deveriam ser comprados para a realização da energização que iria realizar. Outra semana depois, os médiuns, todos sentados, começaram a receber a explicação de como seria o ritual e a função de cada objeto a ser utilizado.

Chegando na vez da “pemba”³⁷, a Cigana Arimar – assim como fez com todos os objetos – pergunta em voz alta: “E a pemba, serve para quê?”. Quase de maneira uníssona os presentes respondem: “para riscar³⁸ o ponto”, e caem na gargalhada. Arimar

36 Foi um ritual extraordinário de limpeza feito somente com os adeptos da Tenda. Durante o dia os médiuns fizeram meditações, tomaram banhos e participaram de outros rituais internos.

37 Nome dado ao giz utilizado em rituais religiosos, com diferentes funções.

38 O “riscar o ponto” é uma prática comum nos rituais de umbanda, quando algumas entidades incorporadas usam esse material para “riscar” no chão um espaço determinado para seu atendimento, o

imediatamente responde: “se tivessem do outro lado sim, mas aqui não!”, promovendo um grande constrangimento. Na Tzara Ramirez, por ser desde a sua fundação um lugar para as *entidades/espíritos ciganos*, é proibido incorporar outros espíritos, “é um espaço pedido pelos ciganos e só de ciganos”, como referido por Cigana Carmencita.

Essa singularidade é muitas vezes um motivo de invocação e distinção desse grupo em relação aos que incorporam outros espíritos além dos ciganos³⁹. Muitas vezes, expressões como “a gente é cigano”, “incorporamos só ciganos”, são referenciais de hierarquia no grupo, uma espécie de distinção de “pureza” e “impureza”, mas como demonstra Mary Douglas (2012, p. 118), tais classificações são formas de demarcar fronteiras entre os grupos, são formas de obter poder construindo legitimidades.

Referindo-se à cigana Sibilian, outra cigana afirmou: “aquela ali uma vez pegou champanhe e derramou na cabeça igual pombagira. Não pode, a gente é só cigano!⁴⁰”. Esse limiar (TURNER, 2005, p. 139) é sempre observado e cuidado entre o grupo. Lideranças e os próprios adeptos vigiam essa difícil tarefa de não deixar o outro lado “encostar⁴¹”, já que todos têm o seu “outro lado”. O “outro lado” seria toda a forma de entidades que os médiuns da casa podem ter em seus outros contextos religiosos, como na umbanda e candomblé, onde são comuns, mas se torna totalmente proibida a incorporação ali na Tenda. Em todo o período que estive acompanhando o grupo o ato de só incorporar entidades ou espíritos ciganos, na Tzara Ramirez, era uma preocupação e vigilância constante.

Essa preocupação com a presença dos espíritos/entidades dos “outros lados” que os médiuns destacam durante os rituais abertos e fechados, afirmando também que a existência da *entidade/espírito cigano* nos seus *outros lados* foi o que os levou a cuidar dessa entidade ali na Tzara Ramirez, mostra como a presença dessas entidades está constantemente representada nas umbandas e candomblés, o que nos faz pensar em como essa trajetória de inserção da imagem dos ciganos mediúnicos chega até a Tzara Ramirez.

que teria marcação de espaço sagrado.

39 Na Umbanda, as entidades são divididas em diferentes grupos conhecidos como “linhas”. Além dos ciganos, podem haver caboclos, preto-velhos, exus e crianças (erês).

40 Fala da cigana Carmencita.

41 Quando uma entidade está querendo incorporar – baixar, ou usar – um médium – aparelho/cavalo.

CONCLUSÃO

Observei uma diversidade de relações que este grupo estabelecia e que estava muito além da minha proposta inicial de analisar os elementos religiosos. Elementos tais como a sua formação, as relações de gênero dentro do grupo, as incorporações e símbolos ritualísticos usados em seus rituais foram acrescentados no decorrer de meu trabalho no desenvolvimento da minha dissertação de mestrado.

As representações das ciganas estão mescladas à cultura brasileira e a figura do cigano ganhou diferentes representações no imaginário da população brasileira. Um olhar desatento sobre identidade cigana pode gerar uma confusão sobre “etnia cigana” e “espírito cigano”, principalmente quando percebemos esses grupos em total interação em momentos como festas, passeatas, apresentações culturais ou manifestações de interesses comuns, o que é muito comum na realidade brasileira.

No caso da Tzara Ramirez esses dois universos não só se apresentam de forma separada: *os ciganos de sangue* e *os ciganos de espírito*, mas também estão em constante negociação. A configuração de uma religiosidade com elementos e símbolos da cultura cigana proporciona na Tenda o encontro dessas duas identidades, o que confirma a Tenda Cigana Espiritualista Tzara Ramirez como espaço em que esse encontro acontece, e é esse “encontro” que contribui para a identidade do grupo, que é performada por vários elementos que o permeiam.

Os símbolos religiosos da Tenda são um resultado desse universo simbólico composto de elementos religiosos diversos, proporcionado por duplos ou múltiplos pertencimentos religiosos de seus médiuns e com a associação de símbolos ligados à cultura cigana. Estes ganham significados e forças mágicas na realidade da Tenda em todos os seus rituais, e ganham privilégio nos atendimentos particulares e no ritual da Salamandra.

Esse caleidoscópio de mágicas encontra um campo religioso permeado de “cuidados”, “terapias” e “sofrimentos” na Tenda, mas é na “cura” e busca por “cura”, que esses símbolos e suas apropriações ganham sentido e força. A constante ideia de busca por “cura” possibilita a existência desses mais variados símbolos religiosos, além

da circulação dos médiuns em diferentes grupos religiosos. Há então uma realidade extremamente porosa, como um grande guarda-chuva que acolhe múltiplos símbolos e combinações possíveis.

Levando em consideração o já mencionado reconhecimento da Tenda Tzara Ramirez na cidade de Nova Iguaçu e em algumas outras cidades da Baixada Fluminense⁴², desde o seu surgimento, a Tenda tem se empenhado em promover a cultura cigana com aulas de dança e música, sendo forte a tradição de professoras profissionais de dança na casa, como citado anteriormente, o que faz com que exista uma divulgação muito grande da Tenda em eventos de Prefeituras relacionados à *cultura cigana* e à *espiritualidade cigana*. Essa divulgação faz com que a Tenda seja chamada para festas em outros grupos religiosos como umbanda e candomblé com muita frequência.

Essa relação entre ciganos e Baixada Fluminense opera a partir de uma conformação particular entre etnia, religião e cultura, sendo a dança um dos principais elementos dessa relação entre ciganos e a cultura na Baixada Fluminense. O trabalho com a Tenda Cigana Espiritualista Tzara Ramirez possibilitou, por isso, reconhecer novos problemas para a análise, que estão sendo desdobrados somente agora em minha pesquisa de doutorado.

O crescente reconhecimento dos *ciganos de espírito*, assim como acontece com a Tenda Cigana Espiritualista Tzara Ramirez, na Baixada Fluminense e no Rio de Janeiro, fazem-me pensar também no trabalho organizado por Ana Isabel Afonso (2012) chamado “Etnografias com ciganos”, em que a autora não só apresenta um grande número de trabalhos desenvolvidos com ciganos em diferentes contextos e realidades sociais, mas também propõe pensar como pesquisar ciganos é pesquisar *diferenciação* (AFONSO, 2012, p. 17). Assim, pensar cigano no Rio de Janeiro é também pensar *ciganos de espírito* e todas as possibilidades que esses *ciganos de espírito* abrem como um campo de análise na realidade brasileira.

42 Por sua relação com a dança, arte e cultura ciganas.

REFERÊNCIAS

- AFONSO, A. I. (Org.). **Etnografias com ciganos: diferenciação e resistência cultural**. Lisboa: Edições Colibri, 2012.
- AMARAL, L. **Carnaval da alma: comunidade, essência e sincretismo na Nova Era**. Petrópolis: Editora Vozes, 2000. 230 p.
- ASAD, T. **Genealogies of religion**. Discipline and reasons of power in Christianity and Islam. Baltimore: John Hopkins University Press, 1993.
- BARROS, M. L. **Labareda, teu nome é mulher: análise etnopsicológica do feminino à luz de pombasgiras**. Ribeirão Preto: USP, 2010.
- BAIRRÃO, J. F. M. H.. **O impossível do sujeito – v. 2: implicações do tratamento do inconsciente**. São Paulo: Edições Rosari, 2004. 280 p.
- _____. Subterrâneos da submissão: sentidos no mal no imaginário umbandista. In: **Memorandum: Memória e História em Psicologia**, Belo Horizonte, v. 2, p. 55-67, 2002.
- BARTH, Fredrik. **O Guru, o Iniciador e Outras Variações Antropológicas**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.
- BIRMAN, Patricia. **Fazer estilo criando gêneros: estudo sobre a construção religiosa da possessão e da diferença de gêneros em terreiros de umbanda e candomblé no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Eduerj, 1995.
- BOMENY, H. Identidades eletivas: intelectuais e política. In: _____ (Org.). **Constelação Capanema: intelectuais e política**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getulio Vargas; Bragança Paulista: Ed. Universidade de São Francisco, 2001, p. 11-35.
- BRUMANA, Fernando; MARTÍNEZ, Elda. **Marginália sagrada**. Campinas: Editora da Unicamp, 1991.
- CONSORTE, J. G. Em torno de um manifesto de ialorixás baianas contra o sincretismo. In: CAROSO, C.; BACELAR, J. (Orgs.). **Faces da tradição afro-brasileira: religiosidade, sincretismo, anti-sincretismo, reafrikanização, práticas terapêuticas, etnobotânica e comida**. Rio de Janeiro/Salvador: Pallas/CEAO, 2006.
- DOUGLAS, M. **Pureza e Perigo**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2012.
- GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Editora LTC, 1989.
- GIUMBELLI, E. **O cuidado dos mortos: uma história da condenação e da legitimação do espiritismo**. Rio de Janeiro: Ed. Arquivo Nacional, 1997. 326 P.
- _____. O “baixo espiritismo” e a história dos cultos mediúnicos. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 9, n. 19, jul. 2003.
- GRES BEIJA-FLOR. Página inicial. **GRES Beija-Flor de Nilópolis**, dez. 2018. Disponível em: <<http://www.beija-flor.com.br>>. Acesso em: 16 dez. 2018.

- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.
- KAZ, R. Os espíritos ciganos. **Revista de História da Fundação Biblioteca Nacional**. Ano 2, n. 14, nov. 2004.
- LANDES, R. **The city of women**. New York: MacMillan, 1947.
- LÉVI-STRAUSS, C. **Antropologia Estrutural**. 6 ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.
- MACHADO, C. É muita mistura: projeto religioso, político, sociais, midiáticos, de saúde e segurança pública nas periferias do Rio de Janeiro. **Religião & Sociedade** [Online], Rio de Janeiro, v. 33, n. 2, p. 13-36, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-85872013000200002&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 16 dez. 2018.
- MAGGIE, Y. **Medo do feitiço**: relações entre magia e poder no Brasil. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional/Ministério da Justiça, 1992.
- MAGNANI, J. G. C. **Umbanda**. 2. ed. São Paulo: Editora Ática, 1991.
- MAIA, C. **Posso ler a sua mão?**: uma análise da Tenda Cigana Espiritualista Tzara Ramirez. 113 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais/Instituto Multidisciplinar/Instituto de Três Rios, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2014a.
- _____. “Salamandra – Onde os ciganos se encontram”. **Revista Intratextos**, v. 6, n. 1, p. 106-118, 2014b. DOI: <http://dx.doi.org/10.12957/intratextos.2014.1224>
- _____. Optcha! Ciganos, Beija Flor, Globo e Nilópolis – debate sobre construção de identidade, etnia, cultura e religião na Tenda Cigana Tzara Ramirez. **ARIÚS: revista de ciências humanas e artes**, Campina Grande, v. 1, n. 1, out./dez. 1979 – v. 19, n. 2, jul./dez. 2013 – Campina Grande: EDUFCG, 2013. 195 p.
- MEYER, M. **Maria Padilha e toda a sua quadrilha**: de amante de um rei de Castela a pombagira da umbanda. São Paulo: Livraria Duas Cidades; EBC Nordeste, 1993.
- MIRANDA, A. P. M. Entre o privado e o público: considerações sobre a (in) criminalização da intolerância religiosa no Rio de Janeiro. **Anuário Antropológico**, Brasília, n. 2, ano 2009, p. 125-152, dez. 2010.
- ORTIZ, Renato. **A morte branca do feiticeiro negro: umbanda e sociedade brasileiro**. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- PEREIRA, C. C. **Os ciganos ainda estão na estrada**. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.
- SAHLINS, M. **Ilhas de história**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- SANTOS, J. E. dos. **O dono da terra**: o caboclo nos candomblés da Bahia. Salvador: Sarah Letras, 1995.
- TURNER, V. **Floresta de símbolos**: aspectos do ritual Ndembu. Niterói: EdUFF, 2005.

VAN DE PORT, M. Candomblé em rosa, verde e preto: recriando a herança religiosa afro-brasileira na esfera pública de Salvador, na Bahia. **Debates do NER**, Porto Alegre, n. 22, p. 123-164, jul./dez. 2012.

VERGER, P. **Orixás**: deuses iorubás na África e no novo mundo. Salvador: Corrupio, 1981.

Recebido em: 30/04/2018

Aceito para publicação em: 26/11/2018